Recebi de nosso colega Régnier Pirard o seguinte texto; Cada um no site Édipo se expressa em seu próprio nome e assume a responsabilidade. Acredito que suas palavras sobre Gérard Pommier podem eventualmente incomodar alguns de nossos colegas. Isso não seria surpreendente, dado que Gérard Pommier foi, em vida, uma figura controversa. Publicarei, é claro, os escritos daqueles que desejarem comentar este texto. LLV

**Minha vida (um pequeno trecho) com Pommier**

Meu primeiro encontro com Gérard Pommier foi em 1994. Claro, eu o conhecia por reputação e já havia lido algumas linhas dele. Ele veio a Bruxelas, a convite de Patrick De Neuter, falar sobre seu livro "Do bom uso erótico da raiva". Ele o fez comentando grandes trechos com o humor que o caracterizava, uma sutil distância tanto quanto um mecanismo de defesa contra uma ferida enigmática, cuja chave talvez se encontre em "Minha vida com Lacan". Na época, eu ainda estava ensinando na Universidade de Louvain e estava envolvido, com De Neuter e outros, em um Centro de Formação em Clínica Psicanalítica (CFCP). Em 1996, as circunstâncias da vida me levaram à Universidade de Nantes. Foi lá, no início dos anos 2000, que encontrei Pommier por pura coincidência.

Ao chegar a Nantes, eu, que me considerava um lacaniano crítico, com a parcela de desconhecimento - confesso - que essa atitude implicava na época, era a nota dissonante no concerto unânime dirigido por um maestro sectário que recrutava, tanto quanto possível, apenas entre as fileiras da Causa Freudiana. Ele próprio não era membro, mas à margem desde que um assunto de exame muito duvidoso o afastou devido a supostos vestígios antissemitas. Esse líder, portanto, impulsionava a resiliência e a busca pela reabilitação ao máximo, tornando-se mais católico que o Papa ou melhor, aiatolá da causa, ou seja, um lacaniano fanaticamente integrista. Foi nesse contexto que redescobri Gérard Pommier e, se posso dizer, o bom uso que se poderia fazer dele. Eis o conjunto de circunstâncias dessa tuche.

Eu era suplente na Comissão de Nomeações, quando o titular me pediu para substituí-lo. Na própria sessão, descobri as candidaturas para um cargo de Professor Assistente em Psicologia Clínica e entre elas estava a de Gérard Pommier. De acordo com o procedimento então em vigor, as qualificações na CNU já haviam ocorrido. Ouvi os relatórios habituais. O primeiro veio de Laurent Ottavi, membro externo, que é claro, conhecendo o pedigree de Pommier, não poderia omitir decentemente suas qualidades, mas concluiu mesmo assim com uma reviravolta (in cauda venenum) que excluía o candidato das audições da segunda rodada. O segundo relatório veio da responsável pelo Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e foi amplamente desfavorável. Suspeito que tenha sido influenciado, pois ela não devia entender muito do assunto. Mas naquela época, os mandarins reinavam sobre suas especialidades e, por uma espécie de "guerra fria", concordavam tacitamente e às vezes explicitamente em não interferir em seus campos respectivos, cada um fechando os olhos para o despotismo dos outros, desde que não fosse afetado.

Descobri, então, a candidatura de Pommier. Mais tarde, soube por ele mesmo que sua tese de doutorado era recente e que Roland Gori o havia incentivado a se lançar, mesmo tardiamente, em uma carreira acadêmica, da qual, obviamente, ele sonhava. Eu observei aos meus colegas que era absolutamente impensável, sem trapaça, excluir Pommier das audições, que ele era uma das grandes figuras da psicanálise na França e que tinha várias publicações em seu nome. Consegui convencê-los, confiante de que na segunda rodada ele saberia lidar e vencer, embora já estivesse quase nos sessenta anos e, com certeza, no papel de um professor expresso que não deixaria Paris para se estabelecer na província. Após esta primeira rodada, liguei para Gérard Pommier para informá-lo. Ele escolheu enfatizar, na audição, sua prática com crianças e seu contato com Françoise Dolto. Suas palavras foram convincentes o suficiente diante dos cognitivistas para conquistar o prêmio principal. Isso denota um traço do homem, que não temia o confronto, mesmo sendo bravata. Encontramos mais de uma vez esse lado Dom Quixote em sua jornada, diante das neurociências, por exemplo, usando argumentos duvidosos (os neurônios seriam como "instrumentos" do sujeito falante...). Enfim, deu certo, apesar da oposição por outras razões, mas sempre muito corretas, de Jean-Claude Maleval, membro externo da Comissão, supostamente representando os interesses do tirano local. Quando este soube do resultado, ficou furioso, determinado a nos fazer pagar caro por nossa audácia. Pommier e eu fomos excluídos do ensino em DEA, que no programa constituía uma espécie de território reservado. Fomos afastados topograficamente, compartilhando o mesmo escritório afastado dos escritórios dos outros Clínicos. Enfim, fomos punidos. Acredito que posso dizer que os estudantes, por sua vez, não foram punidos, nossas aulas eram muito bem aceitas e todos estavam felizes.

Nosso escritório era apenas um local de passagem para nós em torno de nossas atividades universitárias, a prática nos demandando ambos, mas foi a oportunidade para trocas improvisadas, pequenas confidências, conversas clínicas, considerações institucionais. Nós os prolongávamos fora dali. Pommier, embora não se demorasse muito para preparar suas aulas do dia seguinte, veio jantar em minha casa várias vezes, assim como eu fui, acompanhado de minha esposa, à rua Montpensier, acima das colunas de Buren, onde ele morou por um tempo. Gérard concentrava seus ensinamentos em um dia e meio. Ele tinha a tendência de realizar "sessões curtas", o que quase lhe custou o prosseguimento de sua carreira acadêmica. Foi raro vê-lo empalidecer e suar abundantemente. É verdade que ele encarava as coisas de maneira pouco acadêmica, calculando seus trens no último minuto e às vezes chegando atrasado por causa da SNCF, bagunçando o cronograma das aulas. Ele as concebia como conferências de aproximadamente uma hora e quinze minutos e então abria espaço para perguntas. Seus verdadeiros talentos pedagógicos nem sempre eram suficientes para sustentar o questionamento, pois o conteúdo muitas vezes era difícil ou confuso, segundo os melhores alunos, Gérard não esperava que a segunda hora passasse para encerrar a sessão. Conduta de analista, afinal de contas, senhor do tempo. Infelizmente, nessas circunstâncias, sempre havia alguns alunos obcecados pelo formalismo, ou colegas que gostariam de fazer o mesmo porque têm pouco a dizer, mas não se atrevem, para denunciar uma suposta falha ética. Pedagogicamente, isso se defendia, no entanto, e Gérard nunca faltou a uma aula por negligência ou capricho. A única exceção imprudente foi quando ele se fez substituir por um jovem doutorando não registrado para supervisionar exames de L1, e talvez corrigir algumas provas. Claro, isso estava fora dos padrões universitários e essa escapada lhe foi severamente reprova quando a Comissão foi chamada a decidir sobre uma nomeação definitiva ao fim dos dois anos de estágio probatório. Aí eu realmente tive que intervir e atacar com veemência para, finalmente, obter a concessão de um ano probatório adicional, que permitiu a nomeação definitiva doze meses depois. Pommier finalmente se tornou Maître de Conférences aos sessenta e três anos, mas não pretendia parar por aí. Em defesas de monografias ou teses, pude apreciar sua gentileza respeitosa em relação aos estudantes, seus comentários clínicos perspicazes e sutis, pois ele era um grande clínico tanto quanto teórico pessoal, que concebia a teoria como ficção, à semelhança de Maud Mannoni. Mas nem todos apreciavam muito o "suco de maçã" (uma alusão mordaz ouvida da boca de Dumézil).

Em uma reunião no início do ano letivo, uma vez que novamente tínhamos que pagar o preço da ousadia, o responsável pela Clínica (nunca eleito, mas estabelecido, de certa forma, por antiguidade) decidiu "retomar" o curso de L3 de Pommier (como se fosse dele) por supostas heresias doutrinárias. Certamente Gérard era tudo menos um ortodoxo "coletivo", sua leitura de Freud tinha sua própria originalidade, com suas várias variações em torno do Édipo invertido. Foi um anátema violento, portanto, essa expulsão, quando Pommier tentava consolidar um arquivo na esperança de garantir uma nomeação como professor. Na realidade, ele havia ousado se candidatar em Estrasburgo, pois em Nantes estava bloqueado, sem o conhecimento do diretor. Sua partida ocorreu um pouco mais tarde. Ele havia defendido uma tese de habilitação com Rassial e me pediu insistentemente para ser relator e membro da banca, mas recusei por causa de outra banca quase no mesmo período e porque não queria apenas ler um papel que ele teria pré-digerido para mim (sempre li integralmente meus trabalhos de banca). A tese tratava de neurociências e psicanálise, anunciava o livro homônimo. Uma má sincronização por falta de informações não permitiu que ele fosse candidato ao CNU imediatamente após a defesa, então ele teve que esperar algum tempo. Aqui as coisas ficam um pouco confusas em minha mente. Estive ausente por um tempo devido a um acidente. Quando voltei, soube que Pommier e o responsável pela Clínica tinham conversado e que Gérard conseguiu convencê-lo a ampliar sua carga horária com aulas de M2. Afinal, esse grande Pommier que causa inveja, não seria melhor que ele fosse embora, ele deve ter pensado. Gérard talvez não estivesse muito orgulhoso de ter feito esse pedido e me deixou um pouco isolado. Nossas relações esfriaram um pouco, mas não muito. "Sinto que você não me ama mais como antes", ele me disse. Ele vendeu uma solidariedade de luta por um prato de lentilhas, mas tudo isso era circunstancial e eu mesmo tive que suportar ao longo dos anos algumas "jogadas - recolhidas" dependendo do humor ou das necessidades do potentado local. Uma história acadêmica banal e medíocre, sempre dependente das relações de poder.

A simpatia que tínhamos um pelo outro era mais sólida do que essas vicissitudes. Após sua partida de Nantes, mantivemos laços esporádicos, especialmente em torno da Clínica Lacaniana, onde ele publicou alguns artigos e resenhas. Nos encontramos em um ou outro Dia da FEP também. E, principalmente, durante duas marchas dos "Psicanalistas Coletes Amarelos" que ele organizou. Porque Gérard permaneceu até o fim um rebelde, um revoltado contra as injustiças e discriminações (Ocupemos o Rotunda Marx e Freud). Em Nantes, ele se envolveu muito e concretamente na famosa emenda Accoyer que marginalizava a psicanálise, e depois na Lei LRU que mercantilizava a Universidade.

Se um dia ele me reprochou por "psicologizar" demais, o que me deixou um pouco chateado porque percebi uma surdez ao significante, que me perdoem por fazê-lo agora. Antes de seu último livro, que é um desabafo, sempre o conheci bastante reservado e avesso a confidências. A intimidade de uma análise era até mesmo um obstáculo para ele no procedimento da passe, foi o que ele me disse. Esse homem vivia em efervescência, sempre na linha de frente. Sem dúvida, ele obtinha gratificações narcísicas de uma onipresença em destaque, mas a necessidade dessa exposição devia ser mais profunda. Ele comparava suas múltiplas atividades a uma corrida de obstáculos, da qual tirava uma forma de prazer lúcido. Um dia, carregando uma maleta inutilmente cheia de livros, ele me disse rindo: "Afinal, somos todos bem neuróticos, não é mesmo?" Outra vez, ele confessou timidamente ter passado o mês de férias em família em Marselha (ele acabara de se tornar pai novamente) escrevendo o dia inteiro. Ele era um grafômano como outros são viciados. Esse ex-disléxico (ele me disse) enchia páginas com uma caligrafia larga, quase desproporcional, com não mais do que dez linhas por página, fácil de reler.

Ele tinha o perfil típico de uma criança superdotada, hiperativa, que apenas a escrita conseguia controlar. Sua cruzada contra o cognitivismo poderia se originar daí. Mas essa escrita às vezes o abandonava, nem sempre conseguia manter o ritmo. Seus livros muitas vezes começavam de maneira brilhante, com formulações incisivas, assertivas, metáforas sugestivas, em um florescimento de ideias, de descobertas. Era quase hipomaníaco. Depois tudo se desfazia, a sintaxe e a ortografia se desgastavam, como se precisasse concluir de qualquer jeito. Eu frequentemente observava essa "ciclotimia" literária, da qual poucos de seus livros escapavam, com exceção magnífica aos meus olhos de "Os Corpos Angelicais da Pós-modernidade", uma verdadeira joia. Às vezes, pensei que Pommier devia ter usado "fantasmas" para realizar um trabalho tão grande. No final das contas, acho que não, mas ele fez muitos encontros dos quais soube aproveitar e era um trabalhador incansável.

Gérard Pommier foi um homem excepcional, verdadeiramente singular, o que se chamaria de sinthoma, que resistiu quase até o fim. Seu último livro, "Minha Vida com Lacan", é uma espécie de testamento patético, revelando o "vazio", o colapso, sobre o qual sua existência foi construída, ao mesmo tempo tão forte e tão frágil. É o vazio que engoliu seus avós em Auschwitz. Sempre houve nele algo de abandonador. Sua vida com Lacan deve ser entendida literalmente. É uma força de vida, de liberdade, que Pommier encontrou em Lacan enraizada na palavra. Ele não buscou sustentar a coerência teórica, apenas extraiu um "giro" da fala, aforismos, podemos até dizer um estilo de vida. Nesse sentido, Pommier é ao mesmo tempo muito lacaniano e para outros, preocupados com teoremas, nada. Como Dolto era, no fundo. Em relação à doxa, um herege fecundo.

Nesses últimos dois ou três anos, tivemos menos contato. Um dia, ao telefone, sempre com o mesmo humor, ele aceitou, em nome da amizade, fazer uma "grande exceção" para uma resenha um pouco longa que eu estava escrevendo para sua revista. Acompanhei à distância seus problemas na Paris VII, onde ele quis prolongar sua carreira além do prazo para poder ainda orientar teses. Transmitir era sua grande preocupação. Eu o achei comprometido, até demais, em brigas ruins, mesmo que não lhe faltassem argumentos. Isso tomava um rumo paranoico constrangedor, que infelizmente se confirmou em torno da FEP e Burzotta sendo alvo. Os últimos e-mails de Gérard eram francamente delirantes, até dissociados. Era intrigante. Cheguei até a pensar em um tumor, como uma forma de desculpá-lo, mas não sei absolutamente nada sobre isso. Tentei me informar, sem ousar questionar um suposto círculo próximo. No final, penso que a construção sinthomática deve ter cedido, que o guerreiro, o "Gaulês ferido", estava exausto.

Obrigado, Gérard Pommier, por ter sido quem você foi, um homem tão paradoxal, terno, sedutor, rebelde, indomável, original. Passar pela vida dessa maneira deixa marcas ao redor. Cada um, de onde o encontrou, levará consigo memórias fortalecedoras. Guardo as minhas em um cantinho da memória com emoção. Adeus, Gérard. Para respeitar a tradição judaica, a sua, coloco uma pequena pedra em sua sepultura.

Regnier PIRARD

<https://www.oedipe.org/annonces/20230803/deces-de-gerard-pommier>

[1] Ao reler, percebi um erro de escrita. "Esmaguei" o último livro de Pommier, "Minha aventura com Lacan", sobre o de Catherine Millot, "A vida com Lacan", o que resulta em um inédito "Minha vida com Lacan". Desisto de corrigi-lo porque Catherine Millot foi o grande amor de Gérard Pommier, e Lacan estava muito mais profundamente enraizado em sua vida do que ele quis admitir sob um título um pouco leve, uma aventura.

# O livro é Mon aventure avec Lacan. [GALILEE](https://www.librairieprivat.com/listeliv.php?form_recherche_avancee=ok&editeur=GALILEE&base=paper) [Lignes Fictives](https://www.librairieprivat.com/listeliv.php?form_recherche_avancee=ok&editeur=GALILEE&collection=Lignes%20Fictives&base=paper) 22 Septembre 2022. Este livro conta de maneira muito pessoal o que foi meu encontro com Lacan, assim como o que me lembro da minha análise com ele. Nesse sentido, este livro oferece um ensinamento clínico sobre a prática tão original de Lacan, sobre seu estilo e seus resultados. Ao mesmo tempo, este livro relata as várias reviravoltas da Escola Freudiana de Paris até sua dissolução. Nesse sentido, estas páginas contêm várias informações completamente inéditas sobre o que aconteceu. E que nenhum historiador jamais revelou. Finalmente, olhando agora para trás, após quarenta anos, quis avaliar as contribuições da teoria lacaniana, assim como algumas das progressões problemáticas.

"Primeiro, contei como as coisas aconteceram naquele divã, enquanto, ao mesmo tempo, de pé e com os pés no chão, se desenrolava a história daqueles que ouviam Lacan. Minha memória me guiou, com a plasticidade que ela imprime aos eventos. Ela se baseia em rostos, momentos suspensos, emoções que a distorcem e a organizam. Ela não vale mais do que isso, e portanto, ela vale muito. Quando me sentei diante do papel em branco, muito tempo depois, primeiro anotei o que eu tinha retido da minha análise - de acordo com a luminosidade das lembranças mais marcantes. Então, à medida que eu as recordava - mesmo pequenos fragmentos - assim que estavam registrados no papel, outras reminiscências emergiam cada vez mais numerosas. Elas apareceram entre as linhas do que eu escrevia, de acordo com as cores das minhas canetas: azul, verde, preto - muito vermelho. Elas subiam à superfície do papel em branco, como de dentro de um lago, contra a corrente do cotidiano que esquece o passado para receber o presente. E então minha aventura com Lacan não terminou na hora de sua morte. Continua até hoje em uma espécie de mundo paralelo. Não se trata tanto de ideias ou reflexões teóricas, mas de imagens que não são virtuais: elas têm o rosto, o vestuário, o gesto do homem com o charuto torcido. Por baixo, por cima, pelo meio e frequentemente contra o vento, continuo navegando, lembrando-me de um estilo, de uma poesia, de um gesto mais do que de um pensamento. Pois para mim, pelo menos, se Lacan sobrevive, é graças à sua poesia de grande aedo com a palavra cintilante, que transformou a pálida psicoterapia regulamentada dos herdeiros de Freud em uma prática tão inspirada que mal se pode qualificá-la como 'clínica'."